

A decisiva bancada invisível

Villas-Bôas Corrêa

As diretas-já para presidente não foram perdidas ontem, apesar da diferença acachapante de votos e a maciça mobilização dos cinco-anistas. A derrota vem de longe, foi sendo construída lentamente, tijolo a tijolo, com a desmoralização gradual e constante da Constituinte e as omissões dos responsáveis, o encolhimento das lideranças.

Faltou tudo, principalmente pressão popular, para compelir os indecisos, os espertos a engrossar a mobilização que não aconteceu. Nenhuma nota mais melancólica nesse arrastado final de uma Constituinte vitimada por tantos infortúnios do que a ausência de povo. E, para piorar as coisas, a troca pelos lobbistas.

O povo não virou as costas à Constituinte sem motivos, apenas por capricho ou enfado. Ele foi sendo tocado de decepção em decepção, enxotado pelas mentiras, amargurado pelas frustrações.

Até à Constituinte- e mesmo durante a primeira fase da montagem do anteprojeto da Comissão de Sistematização- o povo compareceu. Foi fácil transferir para os espaços quilométricos de um palácio de rico a participação que vinha de longe e que, em fantástica maioria consensual, liquidou com 21 anos de arbítrio, dando o empurrão final numa ditadura de meia-sola e que apodrecera. A convocação da sociedade para armar uma Constituição como um jogo de quebra-cabeça, juntando peças e alinhavando propostas quando virou o fio, denunciou a perversidade do engodo. O povo mexeu-se para nada. O que ele propôs foi atirado no lixo: pouquíssimo sobre no texto aprovado na primeira votação.

Não foi só. O mais duro de aguentar viria em seguida com a desagregação da frente partidária e o desgaste das lideranças. Quer dizer: o povo retirou-se da Constituinte e nela não se sentiu representado. A bancada eleita com os seus votos em 86, dividida pelos interesses de cada um, não mais sustentava compromissos da campanha.

O divórcio entre a Constituinte e a sociedade consumou-se na desesperança. Daí por diante, o salve-se quem puder. A hora e a vez dos lobbies e dos grupos organizados, com poder de pressão. Cada qual, na lição de Mateus, cuidando do que é seu.

As eleições presidenciais diretas este ano talvez caracterizem o melhor e mais sofrido exemplo da virada da Constituinte.

Os cinco anos de mandato para o presidente José Sarney resultam de acertos, entendimentos, articulações de cúpula, às quais o povo esteve tão alheio como nas abjetas manipulações das sucessões militares. Sem tirar e nem pôr.

A votação de agora oficializa o consumado. Por isso não despertou o menor interesse fora dos círculos envolvidos. Povo mesmo não deu a mínima. É simples entender o mecanismo da abulia popular. Da banda de fora, sem ser ouvido e nem cheirado, o povo curtiu em silêncio enrustido mais uma decepção. Já se habituou a ser passado para trás. Parece conformado ou ruminando a raiva, à espera da hora da forra. Não tem candidato.



Alguns ostentam preferências, cultivam os seus mitos, na fidelidade ao ontem ou na adoração do amanhã. Mas candidato de favoritismo nacional, liderança de carisma, não existe. Nem o candidato e nem partido: o PMDB está se desmanchando no colo do dr Ulysses, molambo de sigla roída pelo cupim da mentira, da falta de palavra, de respeito a compromissos. Do adiamento das diretas o PMDB não escapa: só a bancada majoritária garantiria eleições este ano; a maioria votou pelos cinco anos.

Mas, no placar da votação, no comparecimento excepcional, esconde-se, com a ponta da cauda à mostra, um dos mistérios desvendados da Constituinte.

Ela agasalha, entre os seus 559 parlamentares, uma bancada de cerca de uma centena de desconhecidos que lá não põem os pés, que não é do ramo, não têm militância. Eleitos pelos equívocos de toda eleição, com a ajuda poderosa de recursos ilimitados. Estão ali para a defesa de interesses próprios ou dos grupos a que pertencem e que financiam as despesas da aquisição de voto.

Nunca um Congresso na história parlamentar do país exibiu chaga tão fétida. Senadores e deputados omissos, malandros, ausentes, sempre existiram. Mas contavam-se pelos dedos. Bancada e com peso decisivo, fiel da balança, é a primeira vez. Desgraçadamente.

Enquanto dissimulada, desorientou pesquisas sobre as tendências do plenário, levando a erros como na reiterada constatação de inclinação constante e crescente pelo parlamentarismo.

A bancada invisível, como é evidente, é toda de um lado só. Conservadora, centrista e sensível aos acenos do governo. Pois-governo é o seu forte, o polo de atração dos seus interesses.

Não há como assegurar que a bancada anônima, dos ausentes costumeiros, tenha decidido as

votações políticas decisivas sobre sistema de governo e duração do mandato presidencial. Inclusive do presidente José Sarney. Mas a diferença abismal e que não reflete o relativo equilíbrio do plenário nas votações de rotina é garantida pela centena de constituintes bissextos.

Se decide ou apenas alarga a distância, tranquilizando o governo, justificando as celebrações da vitória na véspera, importa pouco.

Grave é a sua existência, como nódoa que enxovalha a Constituinte, denunciando um novo estilo de influência do poder econômico mais articulado e sagaz e que não se contenta em financiar campanhas de candidatos confiáveis, mas jogou pesado, investindo alto para eleger a sua bancada.

A dose ultrapassa os limites do suportável. Fica difícil analisar o texto contraditório aprovado no primeiro turno de votação, assinalado por inegáveis avanços sociais, por inovações modernizantes e por recuos de um reacionarismo de doer.

Constituinte sem povo não pode dar certo. Por isso, tudo está dando errado. Até as diretas-já, transferidas para o ano que vem, à revelia dos pobrezinhos dos interessados.

“O povo não virou as costas à Constituinte sem motivos, apenas por capricho ou enfado. Ele foi sendo tocado de decepção em decepção, enxotado pelas mentiras, amargurado pelas frustrações.”